

Segmento: PUCRS

14/09/2020 | Gazeta do Sul | Capa | 1

Como será a volta às aulas nas escolas particulares

Página 6

14/09/2020 | Gazeta do Sul | Geral | 6

Mauá dá a largada e retoma aulas na quarta

Alunos da educação infantil retornarão de forma escalonada até o fim de semana. Já o Ensino Médio volta na próxima segunda

De maneira escalonada, os alunos da educação infantil das duas unidades do Colégio Mauá retornam às atividades presenciais a partir da próxima quarta-feira. O anúncio foi feito pelo diretor da instituição, Nestor Raschen, no último sábado. A volta está condicionada à manutenção dos riscos baixos de contágio do novo coronavírus, com bandeiras entre laranja e amarelo. Conforme o diretor, a decisão foi tomada após consulta junto a autoridades de saúde municipais, orientadas pelo Gabinete de Emergências. “Criamos uma escala. Primeiro voltam os alunos de cinco anos. Na quinta-feira, voltam os que têm quatro, na sexta os de três anos e no início da semana que vem os demais”, disse o diretor. Todos os pais já receberam as orientações com os protocolos de segurança adotados pelo Mauá.

O retorno da Educação Infantil ocorrerá de forma integral. O Mauá adequou a área física e ampliou o número de turmas para garantir o distanciamento social necessário à segurança. Já o Ensino Médio, que tem a data de retorno marcada para a próxima segunda-feira, dia 21, volta com apenas 50% dos alunos. “Lembrando que a presencialidade não é obrigatória. Quem não quiser retornar neste momento poderá continuar assistindo às aulas no sistema remoto”, destacou Raschen. Sobre a volta do Ensino Fundamental, ainda não há cronograma.

Outra situação frisada pelo diretor é a classificação de risco das bandeiras de distanciamento controlado. A volta e manutenção das atividades escolares no Mauá está condicionada às bandeiras amarela e laranja – de risco baixo e médio. Se houver alteração para bandeira vermelha, as atividades serão novamente suspensas. O colégio também já definiu o calendário letivo até o fim do ano.

As aulas encerrarão no dia 22 de dezembro, com recesso entre o Natal e Ano-Novo. “Nas primeiras duas semanas de janeiro, iremos realizar um reforço escolar, para então encerrar o ano letivo.” Já o ano escolar de 2021 tem data programada para iniciar em 22 de fevereiro de 2021.

REDE PRIVADA

Colégio São Luís decidirá com os pais

Por meio de sua assessoria de imprensa, o Colégio Marista São Luís disse à Gazeta do Sul que a instituição segue as decisões governamentais que definiram a suspensão das aulas presenciais e a consequente continuidade do processo de ensino e aprendizagem por meio de atividades domiciliares. Dessa forma, a eventual reabertura do colégio também dependerá das determinações do poder público municipal. Em nota, a instituição também salientou que compartilha com toda a comunidade escolar o conjunto de protocolos de segurança que estão sendo construídos – em parceria com a Estrutura Executiva dos Colégios e Unidades Sociais da Rede Marista e com a orientação técnica do Serviço de Infectologia do Hospital São Lucas da PUC-RS. Ainda conforme a nota, o processo de retomada das aulas presenciais será realizado de forma gradual e a partir do diálogo entre família e escola.

Dom Alberto decide nesta semana

A diretora pedagógica do Colégio Dom Alberto, Luciana Andrea Zimmer, disse que a decisão sobre uma possível volta às atividades presenciais no colégio deve ser tomada nesta semana. Segundo ela, os pais não têm se mostrado favoráveis a uma retomada agora. “Nós estamos fazendo uma consulta às famílias e este processo ainda não está concluído. Após realizarmos mais algumas reuniões, saberemos quando e de que forma ocorrerá este retorno”, destacou. Luciana explica que, desde o dia 23 de março, quando o colégio suspendeu as aulas presenciais por conta da pandemia, alunos e professores têm utilizado o sistema de ensino remoto, que no caso da comunidade escolar do Dom Alberto tem se mostrado eficiente. “Só o convívio presencial dos alunos mesmo que está fazendo falta, mas esta é uma questão de necessidade. A atividade completa está sendo feita no modelo remoto.”

Educar-se confirma após pesquisa

A diretora da Escola Educar-se, Valderez Maria Kern, disse que hoje será concluída uma pesquisa de opinião, coletada junto às famílias dos alunos da Educação Infantil da escola. “Esta pesquisa foi feita após as reuniões que foram realizadas com familiares de alunos dos níveis um, dois e três. O prazo para respostas é 9 horas desta segunda-feira.” Com base nos resultados desta avaliação a Educar-se que também já elaborou seu plano de medidas para a volta às aulas, espera poder confirmar a data e a forma do retorno dos alunos às salas de aula. “Nós já fizemos todos os ajustes nas salas e estamos aguardando agora esta decisão das famílias”, complementou a diretora.

14/09/2020 | Jornal do Comércio | Jornal Cidades | 1

Cidades do Interior terão sistema para monitorar abelhas

Um sistema de monitoramento e informação sobre abelhas foi apresentado e debatido durante reunião virtual, com participação da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Apicultura do Estado. Representantes de universidades gaúchas falaram sobre a importância de pensar na conservação da biodiversidade como um todo no Rio Grande do Sul.

A professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Betina Blochtein mostrou o projeto feito em conjunto com diversas entidades, que tem previsão de ser executado em até cinco anos. De acordo com a bióloga, o monitoramento será feito em quatro polos do Rio Grande do Sul: Depressão Central (Eldorado do Sul, Estrela e São Gabriel), Noroeste (Ijuí e Cerro Largo), Nordeste (Vacaria, Cambará do Sul e São Francisco de Paula) e Sul (Pelotas). Seis eixos temáticos serão debatidos ao longo do período. A pesquisadora acrescentou que algumas colmeias de abelhas serão monitoradas em tempo real.

“E amostras de material das colmeias serão coletadas várias vezes ao longo do ano, a fim de controlar resíduos de agrotóxicos e também a presença de parasitas ou doenças nas abelhas”, completou. O engenheiro agrônomo e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), Aroni Sattler, abordou a apicultura migratória e ressaltou a importância de fazer o monitoramento das abelhas no Estado. Conforme o pesquisador, há quatro pontos estratégicos em cidades do Interior para o monitoramento: Vacaria, Colorado, Cambará do Sul e Eldorado do Sul.

“Em Cambará do Sul, por exemplo, há uma área com reservas ambientais e um bioma especial. E em Colorado, nas culturas de inverno, o uso de defensivos agrícolas dentro dos pomares é ruim para o serviço de polinização”, explicou. Outro ponto discutido durante o encontro foi a avaliação da safra de mel 2020 e impactos da Covid-19 no consumo. O presidente da Federação Apícola do Rio Grande do Sul (Fargs), Anselmo Kuhn, comemorou a alta nos produtos como mel e própolis durante a pandemia do novo coronavírus.

“Os preços dos produtos aumentaram devido à grande procura. Nossas expectativas para o setor são as melhores possíveis”, disse. Até agora, o Brasil já exportou 25.581 toneladas de mel, sendo 78% para os Estados Unidos. No total, os produtores conseguiram cerca de US\$ 58 milhões (R\$ R\$ 208 milhões). Depois dos norte-americanos, as melhores exportações são para a Alemanha e Austrália.

Para que o Brasil não colapse

O País assistiu a uma recente ofensiva em defesa do “teto de gastos”, um dispositivo introduzido na Constituição Federal em 2016 que provoca contenção da despesa pública primária, ou seja, aquela que se destina a manter os serviços de saúde, educação e outros. Em especial, um grupo de economistas publicou manifesto em favor da manutenção do teto sob o provocativo título de que “É preciso rebaixar o piso de gastos para que o teto não colapse”. As ideias dos defensores do teto padecem de várias incoerências. A mais importante é a hipótese de que o teto é a única forma de evitar a explosão da dívida pública e o aumento dos juros.

Essa ideia não corresponde aos fatos: desde 2015 o País foi aprisionado pela chamada “austeridade fiscal”, que, no lugar de melhorar as contas públicas, resultou em aumento na dívida do governo e piora na atividade econômica. E a despeito da elevação na dívida, ocorreu queda na taxa de juros – ambas, registre-se, prosseguiram no contexto mais grave da pandemia global. A redução nos juros possui motivos reais: ciclo de liquidez internacional, baixa inflação resultante de um mercado de trabalho em contração, confortável (ainda) estoque de reservas cambiais. Ainda assim, permanece a insistência em relacionar a queda nos juros a uma “confiança” no teto e na “austeridade”, o que justificaria o temor de revisão da regra constitucional.

Sustentar tal crença, inobstante os desmentidos da teoria econômica contemporânea e da evidência, é um caso de racionalidade mágica. Querem “prever” o futuro e justificar a destruição do presente em troca de sua convicção na melhora da economia. A queda dos juros não basta para reverter as consequências da dupla crise sanitária e econômica. Tal reversão exigirá percorrer o caminho escolhido na maioria dos países, com política fiscal de expansão do gasto público, sobretudo em investimentos reais e serviços de educação e saúde.

A ação efetiva do Estado é condição necessária ao retorno do crescimento econômico. E apenas deste resultará a sustentabilidade da dívida pública. Quanto mais demormos para agir com base em fatos e não em crenças, maior será o risco de perdermos uma nova geração. O Brasil precisa eliminar o teto para não entrar em colapso.

Alessandro Donadio Miebach, Carlos Henrique Horn,
Fernando Lara e Adalmir Marquetti
Professores de Economia na Ufrgs, Unisinos e Pucrs

Contratação de enfermeiros sobe 123% no RS

Mais de três mil profissionais foram contratados em seis meses de pandemia para atuar no combate ao coronavírus

Por conta da pandemia do novo coronavírus, o número de contratações de enfermeiros no Rio Grande do Sul nos primeiros seis meses de 2020 foi 123,2% maior do que o mesmo período do ano passado. Segundo levantamento realizado pelo Quero Bolsa, utilizando dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o saldo entre admissões e demissões foi 750% maior em comparação aos primeiros seis meses de 2019. O aumento na demanda dos serviços de saúde é apontado como principal motivo. Ao total, 3.078 profissionais de enfermagem (enfermeiros e técnicos) foram contratados entre janeiro e junho de 2020. De forma simultânea, ocorreram 1.803 demissões, deixando o saldo de 1.169 postos de trabalho criados no Estado.

No mesmo período do ano passado, 1.379 enfermeiros foram contratados e outros 1.229 demitidos, com um saldo de 150. “Esse aumento significativo ocorre pela necessidade de qualificar o atendimento à população e de atender à demanda gerada pela pandemia”, explica o enfermeiro e presidente do Conselho Regional de Enfermagem do Rio Grande do Sul (Coren-RS), Daniel Menezes de Souza. Além disso, Souza lembra que houve um número grande de afastamento de profissionais por estarem com suspeita da doença ou serem parte do grupo de risco para a Covid-19. “Também é bastante grande o número de funcionários acometidos pela doença, muitos que, inclusive, morreram”, atenta.

Em junho, levantamento do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) e do Conselho Internacional de Enfermeiros (ICN), mostrava que o Brasil era o país com mais mortes de enfermeiros e profissionais da saúde por conta da Covid-19. Até aquele mês, o Brasil registrava 196 mortes de enfermeiros. Instituições 100% públicas da Capital, como o Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) e

o Hospital Conceição, aumentaram consideravelmente o número de contratações. Só neste ano, esses hospitais contrataram, respectivamente, 133 e 85 enfermeiros.

O Conceição também contratou mais de 390 técnicos de enfermagem desde março, quando a Organização Mundial da Saúde decretou a pandemia. O Hospital Divina Providência, privado, e o Independência, administrado pelo Divina, mas 100% SUS, adicionaram, juntos, 34 enfermeiros e 165 técnicos de enfermagem às equipes. O Grupo Hospitalar Santa Casa contratou 103 enfermeiros e 500 técnicos de enfermagem desde o início da pandemia. Entre médicos, técnicos de enfermagem e enfermeiros, o Hospital Moinhos de Vento já totaliza 208 novas contratações.

O Hospital São Lucas afirma que não houve muitas alterações no quadro de funcionários e o Hospital Mãe de Deus não respondeu à solicitação. Segundo a normativa do Cofen, é necessário um enfermeiro para cada cinco pacientes com Covid-19 internados na UTI e, pelo menos, um técnico de enfermagem exclusivo para cada um. Em situações normais, o recomendado é um enfermeiro a cada 10 pacientes. Souza teme que os novos postos de trabalhos criados sejam extinguidos após o fim da pandemia.

“O HCPA e o Conceição são hospitais públicos, então se não tiver aporte financeiro suficiente, essas vagas podem ser retiradas. É preciso qualificar ainda mais o investimento para que não volte ao estado anterior da pandemia, quando as coisas estavam bem difíceis.” Mesmo com o aumento da demanda, ainda há dificuldade de preencher algumas vagas. Para o presidente do Coren-RS, isso ocorre porque os contratos temporários e os requisitos das vagas não são atrativos.

O enfermeiro recém formado Felipe Adonai começou a trabalhar no Hospital Dom João Becker, em Gravataí, no mês de agosto com um contrato de três meses. “Achei que seria bem fácil de conseguir encontrar emprego. Mandeí currículo para vários lugares e demorou muito até eu ser chamado”, conta. Além do aumento da contratação de enfermeiros, o levantamento da Quero Bolsa também indicou aumento na contratação de médicos no Estado. Nos primeiros seis meses de 2020, 355 médicos foram contratados e o saldo de postos de trabalho é de 48. Em 2019, foram 281 contratações, com saldo negativo de 89. Da lista acima, o hospital com maior número de contratações de médicos é o HCPA, com 48 admissões de contrato temporário de até dois anos.

14/09/2020 | O Globo | Saúde | 8

Pediatras alertam para sintomas da Covid infantil

Estudo aponta que problemas gastrointestinais se juntam a respiratórios e podem indicar síndrome inflamatória multissistêmica, num quadro distinto do mais conhecido da doença; detecção precoce é crucial para evitar agravamento

RIO - Num momento em que as aulas são retomadas, pediatras brasileiros alertam para os sintomas da Covid-19 infantil a que os pais devem estar atentos. E eles não são apenas respiratórios, como se imaginaria, e a detecção precoce é fundamental para evitar o agravamento. Febre e problemas gastrointestinais — como dores abdominais, vômitos e diarreia — podem ser um sinal da forma grave da Covid-19 infantil, frisa Arnaldo Prata Barbosa, coordenador de pesquisa em pediatria do Instituto D’Or de Pesquisa e Ensino (Idor).

A Covid-19 raramente se agrava em crianças e adolescentes, e a maioria é assintomática. Eles respondem por menos de 2% dos casos sintomáticos de Covid-19. Porém, quando adoecem, podem ser acometidos pela chamada síndrome inflamatória multissistêmica pediátrica, mais conhecida pela sigla em inglês MIS.

— A mensagem é que os pais devem estar atentos não somente a sintomas respiratórios. Na MIS, sintomas gastrointestinais são mais comuns. Uma criança com febre e dor abdominal precisa ser avaliada para MIS, ter o coração examinado — salienta Barbosa.

Ele coordenou a primeira pesquisa nacional a descrever características e a evolução clínica de crianças com Covid-19 internadas em UTIs no Brasil. O estudo foi realizado por pesquisadores do Idor e de outras 13 instituições brasileiras, como Uerj, UFRJ, PUC-RS, hospitais da Rede D’Or, Hospital Sírio Libanês (SP), entre outros.

Os cientistas analisaram casos de 79 crianças e adolescentes, de 1 mês a 19 anos, internados em 19 UTIs pediátricas (sete de hospitais públicos e 12 privados) associadas à Rede Brasileira de Pesquisa em Terapia Intensiva Pediátrica nos estados de Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Ceará e Pará.

A MIS afeta vários órgãos, como coração, rins, fígado, intestino, cérebro, pele e baço. Atinge principalmente o coração. Microtrombos são frequentes. Trata-se de uma condição que pode levar à morte ou deixar sequelas.

A MIS é tão distinta do quadro característico de Covid-19 grave, no qual existe acometimento importante dos pulmões, que alguns médicos preferem chamar essa última de “Covid-19 clássica”, embora ambas as formas sejam conhecidas há menos de dez meses. A MIS representa cerca de 20% dos casos graves de Covid-19 em crianças.

Além de chamar a atenção para sinais da MIS, o estudo contesta dois aspectos da Covid-19 infantil apontados por pesquisas internacionais.

O primeiro é que bebês com menos de 1 ano correriam um maior risco de agravamento. Intitulada “Pacientes pediátricos com Covid-19 admitidos em Unidades de Terapia Intensiva no Brasil: um estudo prospectivo multicêntrico”, a pesquisa mostrou que os bebês não têm maior necessidade de ventilação mecânica (intubação) do que as crianças mais velhas.

O segundo é que as crianças apresentam fatores de risco de complicação diferentes daqueles associados ao agravamento da Covid-19 em adultos. As doenças prévias ou comorbidades são diferentes, destaca Barbosa.

Enquanto nos adultos, doenças cardiovasculares e diabetes são importantes, nas crianças, as principais comorbidades vistas no Brasil, segundo o estudo, têm sido doenças neuromusculares (em especial, encefalopatia não-progressiva) e respiratórias crônicas, principalmente asma.

De acordo com o estudo, a chance de uma criança com alguma comorbidade desenvolver uma forma grave da Covid-19 é 5,5 vezes maior em relação a crianças sem comorbidade. Dos 79 pacientes analisados, 41% tinham comorbidades. Barbosa recomenda a pais de crianças com comorbidades cuidado dobrado.

A forma respiratória da Covid-19 é a mais frequente. Começa com sintomas predominantemente respiratórios e atinge os pulmões, mas não apenas eles. Essas crianças em sua maioria testam positivo em exame molecular (RT-PCR) para o coronavírus, indicador de uma infecção aguda.

Já a MIS é um mistério. A criança pode chegar ao hospital sem relato de sintoma prévio e testar negativo no RT-PCR. Porém, exames de anticorpos (sorologia) quase sempre revelam que foi exposta ao coronavírus. E nas que tiveram sintomas de infecção, estes quase sempre se manifestaram de duas a quatro semanas antes do agravamento.

Nem sempre os pais conseguem identificar sintomas porque eles são muito leves e passam despercebidos, observa o pediatra.

Incerteza sobre sequela

A MIS pode ser muito grave, provocar insuficiência cardíaca e até choque, diz Barbosa. E os médicos reconhecem que ainda não se sabe como a infecção pelo coronavírus leva à MIS e o que torna uma criança vulnerável. No estudo brasileiro, os cientistas observaram que ela costuma afetar as crianças maiores, e 80% dos casos eram de meninos.

Os pediatras dizem que será necessário acompanhar as crianças que contraíram MIS para saber se não houve sequelas.

— A MIS é um novo fenômeno relacionado à Covid-19 infantil. Mas as crianças têm uma maior capacidade de recuperação. Só o tempo vai nos dizer se haverá ou não consequências de longo prazo — afirma o pediatra.

14/09/2020 | Zero Hora | Capa | 1

Ensino a distância traz obstáculos extras para pessoas com deficiência

Obstáculos e soluções no EAD

O turbilhão de mudanças gerado pelo coronavírus a partir de março impactou instituições de ensino de todos os níveis, das redes pública e privada. Em poucos dias, professores e alunos tiveram de se adaptar a um modelo completamente novo de aprendizagem: as mesas e cadeiras foram trocadas por telas de computadores ou de celulares, por onde passou a fluir o conteúdo ensinado.

Se a adaptação foi difícil para toda a comunidade escolar e acadêmica, alunos com deficiências precisaram voltar a enfrentar barreiras que, antes, pareciam em parte superadas. Sem o contato presencial, as dificuldades aumentaram, principalmente no trato com plataformas e ferramentas digitais.

Experiências

ZH ouviu cinco alunos com deficiência que estudam em universidades gaúchas para entender como estão lidando com a rotina de aulas online.

Esses relatos não representam toda a comunidade, mas, em suas individualidades, compartilham experiências mais amplas.

Além disso, a jornalista Cris Lopes, produtora na Rádio Gaúcha e estudante de Direito na UFRGS, escreve sobre sua experiência com o Ensino Remoto Emergencial da universidade (veja abaixo o link para esse texto).

Depoimentos

Franciele

A vida escolar de Franciele Brandão, 33 anos, foi com papel e caneta, apesar da miopia. Aos 18, no entanto, um descolamento de retina deu início a um processo que a fez perder a visão - hoje, consegue apenas perceber a claridade e a escuridão. A partir daí, precisou reaprender a ler e a escrever, desta vez em braile, a andar com bengala e a mexer no computador e no celular de outra forma. Moradora de Porto Alegre, Franciele está no 6º semestre de Psicologia na Imed. Única aluna cega da turma, precisou passar por desafios extras: - Não conseguia ter acesso à plataforma da universidade porque o meu leitor de tela (software que lê, em áudio, os textos) não lia o botão que eu precisava clicar para entrar. De certa forma, o leitor passava por cima daquele botão e não identificava. Tive que entrar em contato com a equipe técnica para dizer que o site não estava sendo acessível. Mas eles foram bem receptivos. Em alguns dias funcionou.

Franciele diz que não está sendo prejudicada e que consegue acompanhar as aulas e fazer as atividades, mas algumas barreiras ainda precisam ser superadas. Segundo ela, há casos de professores que usam apresentações em imagens, sem a necessária descrição da figura - o que é só feito após sua intervenção, e alguns textos vêm, inicialmente, em formatos não acessíveis. De acordo com a Imed, o ambiente virtual de aprendizagem se adapta às limitações visuais e auditivas e permite a interação do aluno com o professor.

Rafael

Formado em Administração, o bancário Rafael Martins dos Santos, 42 anos, está no 6º semestre de Direito na PUCRS. A doença degenerativa da retina, descoberta aos 18 anos, piorou e, hoje, ele tem baixa visão. Com a tela em alto contraste e letras grandes, consegue enxergar algumas informações no computador. Mas materiais acadêmicos são lidos com auxílio do leitor de tela:

- Já avançou bastante, mas noto que os professores, por vezes, não estão assim tão habituados a passar conteúdo para uma pessoa com deficiência. Fazem muito PowerPoint e falam "como estamos vendo aqui...", e eu não estou vendo nada. Outros não, são superpreocupados.

Inicialmente, Rafael teve dificuldade para se adaptar à plataforma utilizada pela PUCRS. Depois, com ajustes feitos, passou a solicitar versões em texto para materiais visuais, o que é produzido pelo Núcleo de Inclusão da universidade. A grande dificuldade foi fazer as provas. Na ferramenta oferecida, ele não conseguia identificar onde acabava o campo de resposta de uma questão e onde começava o outro. E passou a entregar provas em documento de texto. - A PUCRS tem um tempo de resposta muito bom. Me dá suporte, e indica a solução - diz Rafael.

A PUCRS diz que tem um Núcleo de Apoio à Educação Inclusiva, que confecciona materiais adaptados, acolhe famílias e estudantes e orienta coordenadores a buscar o melhor formato pedagógico.

Gabriel

Os primeiros dias de aula de Gabriel Lazzari, 23 anos, foram turbulentos. Com professores ainda buscando as melhores ferramentas, ele teve dificuldades. Só na mudança de semestre o jovem, que tem Down, passou a ter facilidade: - No início da pandemia, ficou difícil acompanhar as aulas. Neste semestre, está tranquilo.

Gabriel está no 8º semestre de Educação Física no Centro Universitário Metodista IPA. Ele diz sentir falta da sala de recursos, que promove atendimento especializado para pessoas com deficiência. Os profissionais ajudam a facilitar o entendimento de provas ou trabalhos. - A minha psicopedagoga me ajuda desde 2016 até a faculdade. Na pandemia, estou sendo orientado pelo meu pai - diz.

Juvêncio Lazzari, aposentado, aproveita o período em casa para acompanhar o filho: - É normal que a turma tenha enfrentado algumas dificuldades porque a plataforma não era tão satisfatória no início. Isso apesar de todos o esforço que os professores fizeram, que é elogiável, em termos de buscar recursos e tecnologias.

Em nota, o IPA confirma que a sala de recursos está fechada em respeito aos protocolos, mas diz que o Núcleo de Apoio Pedagógico segue acompanhando e assessorando os estudantes e familiares. O núcleo orienta professores para adaptações necessárias.

Bruno

Com o apoio da intérprete Ida Cristina Miranda Gondin, GZH conversou, por vídeo, com o estudante Bruno da Silva e Souza, 20 anos. Surdo, ele faz uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para se comunicar. Morador de Canoas, está no 2º semestre de Ciências Biológicas (bacharelado) na Universidade La Salle. Mesmo no ambiente online, Bruno tem seu direito garantido: todas as aulas contam com intérprete de Libras. - Se o intérprete falta, rapidamente alguém substitui. Na hora - conta.

Pessoas surdas se apropriam do texto em português de forma diferente de ouvintes, e a escrita não é feita da mesma forma. Bruno, muitas vezes, usa dicionário para entender os textos que os professores passam. Essa dificuldade é superada com ajuda do intérprete nos horários de aula. O problema está quando alguns educadores pedem para que os alunos assistam a vídeos não acessíveis. - Em vídeos do YouTube, a gente ainda tem essa dificuldade, porque às vezes não há legenda. A gente sofre com essa falta de

acessibilidade. Se não tem um dos dois (legenda ou intérprete), não tem comunicação. É impossível. Fico só olhando e não entendo nada. Me sinto muito triste - diz o estudante.

A La Salle diz que fornece apoio no ambiente virtual de todos os cursos e que garante intérprete de Libras em todos os cursos e que os materiais didáticos são adaptados com acompanhamento dos intérpretes que apoiam o aluno.

Thávinny

Também surda, Thávinny Nascimento de Moraes, 20 anos, cursa o 4º semestre de Pedagogia Bilíngue (Português e Libras) na UFRGS. Apesar da mudança na vida pessoal causada pela pandemia, a vida acadêmica sofreu menor impacto: como o curso já é a distância, a jovem estava adaptada à rotina de aulas online.

O fato de a turma ser composta por muitos alunos surdos também ajudou. Segundo a estudante, a acessibilidade nas aulas é total - a maior mudança foi ter ficado tanto tempo sem atividades devido à suspensão determinada pela UFRGS: - A aula sempre foi acessível. É obrigatório. Mas me senti triste, nervosa, porque a faculdade foi fechada (por alguns meses).

Por meio da intérprete Ana Beatriz Seitz, da Associação de Crianças e Adolescentes Surdos do RS, Thávinny contou que a pandemia provocou grande transformação em sua vida. A jovem tem asma e está afastada do Tribunal de Justiça, onde trabalha. - Vou a locais como farmácia ou supermercado, e as pessoas usam máscaras. Não consigo enxergar, ver a expressão, os lábios. Fiquei me sentindo muito limitada - descreve.

Em nota, a UFRGS informou que disponibiliza em seu site série de orientações sobre acessibilidade e ensino remoto. Entre os materiais, estão orientações do Núcleo Incluir, que trabalha estratégias voltadas às pessoas com deficiência na comunidade universitária.

Segmento: Interesse

14/09/2020 | Correio do Povo | Ensino | 7

Enem: 35% não concluíram o EM

Dos 5,7 milhões de inscritos em 2020, a maioria já terminou o Ensino Médio em anos anteriores

Entre os candidatos ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) deste ano, que tem 5.783.357 inscrições confirmadas, 65% já concluíram o Ensino Médio em anos anteriores. Esse percentual representa 3.794.543 participantes, e inclui as inscrições realizadas para as versões impressa e digital deste Enem. Dos inscritos, 1.670.390 têm idades entre 21 e 30 anos; seguidos dos participantes na faixa de 31 a 59 anos, que somam 832.217; e os com mais de 60 anos, que são 12.982 candidatos.

Para o coordenador-geral de Exames para Certificação do Inep, Eduardo Carvalho Sousa, o interesse pelo Enem entre os que já concluíram o Ensino Médio se deve ao fato de o exame ter se tornado a principal porta de entrada ao Ensino Superior público no Brasil, via Sistema de Seleção Unificada (Sisu). “Muitos egressos são pessoas que já concluíram o Ensino Médio e não conseguiram acessar o Ensino Superior. E temos as pessoas que já estão matriculadas em alguma instituição e decidiram mudar sua opção de curso.” Eduardo argumenta, ainda, que o Enem é o primeiro passo rumo à qualificação profissional. E lembra que a nota deste exame é utilizada como principal critério para diversos programas sociais do governo federal, como o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies).

Exame Nacional

É realizado anualmente pelo Inep/MEC, desde 1998.

Avalia o desempenho escolar ao final da Educação Básica.

Envolve uma Redação e 45 questões objetivas em cada prova, de 4 áreas do conhecimento: Linguagens, códigos e suas tecnologias; Ciências Humanas e suas tecnologias; Ciências da Natureza e suas tecnologias; e Matemática e suas tecnologias

14/09/2020 | Estado de Minas | Gerais | 8

Enem testará abismo que aumentou na pandemia

Especialistas apontam que disparidade entre ensino público e privado se acentuou com suspensão das aulas presenciais e preveem que desempenho de alunos das duas redes vai se distanciar ainda mais no próximo exame

Em um país com tantas diferenças, a pandemia acentuou ainda mais as desigualdades. E, no quesito educação, ensino público e privado nunca estiveram tão distantes, como demonstram a maneira mais ou menos eficaz das aulas remotas e até a adoção ou não desse modelo. As consequências vão se estender por muito tempo, na opinião de educadores, mas tendem a ser sentidas já nas próximas avaliações nacionais qualitativas e de resultados. O primeiro choque está previsto para ocorrer já no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), adiado para janeiro, mas cuja possibilidade de uma prova mais “light” está descartada, apesar das dificuldades do ano letivo.

Com previsão de queda nas notas, caberá às cotas, mais do que nunca, o papel regulador, de possibilitar acesso às universidades do maior público do Enem: os alunos da escola gratuita. “O Enem já era jogo de cartas marcadas. Se não tivesse cotas, seria um desastre completo, pois privilegiaria o estudante que tem maior nível socioeconômico e condição de pagar uma escola particular”, afirma o professor emérito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) José Francisco Soares, integrante do Conselho Nacional de Educação (CNE). São quase 5,8 milhões de inscrições confirmadas para a edição 2020 da maior avaliação do país. Em Minas Gerais, 577.227 estudantes são esperados nos locais de prova. Soares, pós-doutor em educação, chama a atenção para outra desigualdade que está crescendo em um nicho em que ela não era tão grande: a diferença entre os próprios alunos do sistema público. “Do ponto de vista do direito, temos uma nova exclusão. Este ano (no Enem), haverá dois alunos da escola pública”, afirma.

O raciocínio considera a diferença entre estudantes da rede gratuita que frequentam escolas que lidaram um pouco melhor com a situação, ao lado dos que estão no cursinho e, com isso, conseguiram um jeito de ter acesso ao aprendizado, em contraposição àqueles que não tiveram essas oportunidades. A outra disparidade, essa velha conhecida, tende a se acentuar: “Os estudantes da rede pública não estão tendo o mesmo acesso que os da particular. E a diferença entre essas duas redes vai aumentar muito”, prevê o educador. O fato de a prova do Enem ser elaborada com um ano de antecedência impede mudanças de última hora. E, mesmo que fossem possíveis, seriam ainda mais desastrosas, avalia a diretora geral do Colegium Rede de Ensino, Daniele Passagli. “Não acreditamos na possibilidade de um Enem mais simplificado em decorrência dessa discrepância (entre ensino pago e gratuito), uma vez que uma decisão que poderia favorecer o ensino público não foi efetivada”, diz. “Ao seguir com uma avaliação nacional em janeiro, retirou-se a possibilidade de tentar equilibrar o que foi oferecido para os alunos. Havia a possibilidade de a prova ser aplicada em maio, o que daria a probabilidade aos alunos do ensino público de tentarem algum resgate de conteúdo no próximo ano. Nesse sentido, uma prova mais simples poderá acarretar notas de corte mais altas e não está em linha com o que fora apresentado até o momento (a estrutura do Enem).” É o que pensa também o diretor de Ensino do Grupo Bernoulli, Rommel Domingos. “É um exame para 7 milhões de estudantes. Quando esse formato foi elaborado, em 2009, pensaram numa calibragem. A prova é uma régua capaz de avaliar uma escola que está no interior do Amazonas, mas também as melhores das capitais do Sudeste”, diz. Segundo ele, o nível de dificuldade das questões é a base dessa régua. “Numa prova de matemática com 45 questões, por exemplo, há sempre umas 20 fáceis e 20 medianas. Apenas cinco são difíceis realmente.

O desempenho e as médias vão cair no geral, mas a escala de dificuldade não muda, para não perder essa capacidade de medir (públicos diferentes).” Domingos acredita numa mudança das notas de corte para entrada nas federais, mas não para os cursos mais concorridos, que exigem nota mínima acima de 750 numa instituição como a Universidade Federal de Minas Gerais. “Nesses, a tendência da nota de corte é se manter, porque os candidatos são alunos que estudam de qualquer jeito. Muitos deles estão preferindo, inclusive, o ensino remoto, pois não têm o desgaste com deslocamento e o tempo”, conta. Para o diretor do Bernoulli,

além da diferença de redes de ensino, a pandemia acentuou ainda características dos estudantes. “Na questão tecnológica, é normal quem tem acesso amplo tem prejuízo menor, mas o problema recai também sobre alunos mais motivados ou menos, independentemente se estudam na rede pública ou privada. É algo que ocorre também dentro da sala de aula. A pandemia afeta mais os menos motivados, pois os outros, que querem correr atrás, conseguem manter ritmo. Parte dos alunos que dependiam do incentivo do professor se tornou órfã, uma vez que a pandemia impõe o isolamento social. De todo modo, essa diferença social no Brasil é lamentável e é uma característica que tende a ser aumentada.”

DISTÂNCIA

Daniele Passagli, do Colegium, aposta que essa distância ainda será enorme por muitos anos, uma vez que a rede particular se movimentou a partir de recursos que são menos acessíveis para a rede pública. “Os alunos da rede privada quase em sua totalidade têm acesso a internet, computador, smartphone e ambiente mais favorável em casa. Além disso, percebe-se em algumas áreas um descaso com a educação pública”, diz. “Caminhamos para um aumento da desigualdade social e um retrocesso em algumas pequenas conquistas que o ensino público tinha alcançado”, ressalta.

Um retrocesso que, mais uma vez, será evidenciado no Enem, avalia Daniele. “As médias da nota do exame estão relacionadas com o nível das questões selecionadas para o instrumento. Mas entendemos que a defasagem de conteúdos para o ensino público poderá interferir diretamente nesse resultado.” Por isso as cotas serão importantes para minimizar esse abismo, aponta José Francisco Soares. “O aluno do setor público gasta mais tempo para entrar na universidade. Termina o 3º ano e vai fazer cursinho. E outra questão que deverá ser avaliada para não prejudicar ainda mais esses meninos é uma forma de eles serem aprovados (no ensino médio)”, diz. O professor da UFMG ressalta que são desigualdades que o sistema de cotas suaviza, mas não faz com que desapareçam. “Há um número grande de estudantes que estão sendo prejudicados e não sabemos quem são. A educação tem que aprender a trazer a pauta das desigualdades para o centro do debate. Índices de avaliação mostram que na média estamos bem, mas não podemos nos contentar com a média, porque o nosso ruim é muito ruim.”

Prejuízo marcado no boletim do ensino básico

Os reflexos das diferenças acentuadas pela pandemia são esperados também nos resultados do próximo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), com um baque ainda maior nas performances de escrita, leitura e matemática. Para o professor da UFMG e integrante do Conselho Nacional de Educação José Francisco Soares, é preciso maximizar o nível: aumentar a capacidade de leitura do aluno que lê muito mal e não se contentar com as médias. “O nosso mal é muito baixo. Ano que vem, será necessário pegar os estudantes de onde pararam e dar a todos, primeiro, leitura e matemática, e inchar essas duas dimensões. Essa desigualdade tem que estar colocada de forma límpida para todos.”

O Movimento Todos pela Educação também acredita numa lacuna maior ainda na aprendizagem à força dessas disparidades entre ensino público e privado. “O ensino remoto não substitui o presencial – aulas a distância vieram para ficar e a mudança era necessária, mas só isso não dá conta. O papel do professor nunca foi tão importante”, alerta a coordenadora de projetos do movimento Todos pela Educação, Thaiane Pereira. O Ideb é uma iniciativa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), vinculado ao Ministério da Educação (MEC), para medir o desempenho do sistema educacional brasileiro a partir da combinação entre a proficiência obtida pelos estudantes no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e a taxa de aprovação, indicador que tem influência na progressão dos estudantes entre etapas/anos na educação básica. Ele tem uma escala que vai de 0 a 10 e é feito a cada dois anos. Em cada edição, um objetivo é estabelecido. Os últimos resultados, divulgados em 2018 referentes a 2017, mostram que, em Minas, o Ideb do ensino médio cresceu 0,2 ponto, saindo de 3,7 em 2015 para 3,9 em 2017 – mas a meta era 4,7. Nos anos iniciais do nível fundamental, as metas foram alcançadas, mas o mesmo não ocorreu nos anos finais. No estado, ela ainda caiu 0,1 ponto, recuando de 4,8 em 2015 para 4,7, em 2017.

Segmento: Outras Universidades

14/09/2020 | Correio do Povo | Ensino | 7

Salão Ufrgs 2020 começa hoje

Em formato virtual, começa hoje o Salão Ufrgs 2020, cujo tema é “A arte de reinventar vidas”. A abertura oficial ocorre às 11h, em live onde o reitor Rui Oppermann e a vice Jane Tutikian recebem três alunos de graduação para discutir “O impacto da Covid-19 na vida e a área de estudo”. Acesso: aovivo.ufrgs.br/ufrgstv; youtube.com/ufrgstv; facebook.com/ufrgstv. O Salão Ufrgs 2020 vai até 18/9, contemplando: 16º Salão de Ensino, 32º SIC, 21º Salão de Extensão, 10ª Finova, 7º Salão Edufrgs e 15º Salão Ufrgs Jovem. Programa: www.ufrgs.br/salaoufrgs

14/09/2020 | Correio do Povo | Rural | 12

Jornada Nespro tem edição virtual

A Jornada Nespro chega aos 15 anos, em 2020, com um evento em formato digital e gratuito, nos dias 1º e 2 de outubro. A iniciativa, que integra a Expoiner Digital 2020, é do Núcleo de Estudos em Sistemas de Produção de Bovinos de Corte e Cadeias Produtivas da Carne (Nespro), da Ufrgs. Segundo o coordenador do núcleo, Julio Barcellos, o tema central são as transformações da sociedade que irão impactar nos sistemas produtivos do futuro, como a valorização da produção local e de questões ambientais. O painel de abertura terá como tema “A economia global e o setor de proteína vermelha”. O evento ocorre em um momento favorável e de valorização da carne bovina, mas que no entanto não é eterno. “Esses preços favoráveis que temos hoje têm um prazo de validade, que tudo indica que devem se manter por mais uns três anos”, adverte Barcellos. Por isso, segundo ele, dois painéis serão dedicados ao tema. A programação conta ainda com o lançamento de relatório da Embrapa sobre o futuro da cadeia produtiva. Inscrições pelo site www.ufrgs.br/xvjornadanespro2020.

14/09/2020 | Jornal do Comércio | Empresas & Negócios | 9

Projeto mostra vivência em lares na quarentena

mercado imobiliário » Pessoas relatam mudanças em seu contato com a moradia

Quais mudanças a experiência do isolamento social deve gerar nas expectativas da população em relação às suas residências? Tentar responder a esta questão levou a arquiteta Camila Thiesen a lançar o projeto Habitar a Quarentena. A sócia do escritório Metropolitano Arquitetos iniciou a página no Instagram (@habitaraquarentena) para coletar relatos de como as pessoas estão transformando sua relação com o lar e como as características dos imóveis interferem em suas vidas.

Segundo Camila, a ideia para a página começou a surgir quando percebeu que alguns clientes de projetos de arquitetura de interiores que estavam em andamento passaram a mudar seus planos conforme o isolamento social avançava. “Isso gerou a curiosidade de saber como essa nova rotina está se refletindo na arquitetura e construção. Criei a página no Instagram para talvez aprofundar depois em nível acadêmico”, conta. Grande parte dos relatos, segundo Camila, destaca uma alteração profunda na concepção das condições dos lares.

“Muitas pessoas usavam a casa como um lugar de passagem, ficavam o dia fora e só voltavam para dormir”, constata. Agora, destaca, passaram a perceber quais são os ambientes mais silenciosos, como entra a luz e em que horários, características que antes eram uma preocupação mais do arquiteto que do cliente. “Esse período está servindo para as pessoas conhecerem mais suas rotinas e suas casas, e estão vendo que o fator de morar bem e com qualidade influencia no bem-estar pessoal”, afirma a arquiteta. Uma das participantes do projeto é a designer de moda Liana Schantz que, no dia 20 de julho, morava em um apartamento térreo no bairro Petrópolis, em Porto Alegre.

“Quando passei a ficar em casa o dia todo, percebi um problema sério da residência: ela praticamente não pegava sol. As janelas não davam acesso à rua, não tinha ideia de como estava o mundo externo. Isso acabou virando um pesadelo, desenvolvi depressão, até um dos meus gatos pegou fungo, e decidi me mudar”, explica. Após três semanas de pesquisas, Liana mudou-se para um apartamento mais iluminado e espaçoso em uma região próxima de seu antigo lar. “Meu apartamento anterior era bom, fiz muitas reformas para deixar como queria, mas, como ficava pouco tempo em casa, não percebia os problemas. Agora penso muito mais na minha casa do que antes. Provavelmente vou levar essa preocupação para o resto da vida.”

Para colaborar com o projeto Habitar na Quarentena, é necessário enviar relato e registro fotográfico. O texto, assinado ou anônimo,

tem que revelar as dificuldades enfrentadas e os aspectos positivos da vivência da quarentena no lugar onde a pessoa se encontra, identificando a localização atual. Já as fotos precisam mostrar os ambientes da casa, detalhes do espaço, das atividades e do convívio dos moradores. Podem ser enviadas até 10 fotografias no formato preto e branco para o e-mail habitaraquarentena@gmail.com.

Nova relação com ambientes e preocupação com detalhes devem permanecer

A forma como as pessoas se relacionam com suas casas sofreu uma mudança forte durante a pandemia de Covid-19. Segundo especialistas, a necessidade de passar mais tempo dentro dos imóveis tem levado os moradores a perceber detalhes que antes não se preocupavam, e essa nova relação com os ambientes deve permanecer, trazendo impactos no mercado imobiliário.

“A casa deixou de ser um espaço temporário para ser permanente”, explica Alexandre Rosa Bento, professor de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Feevale. “Ela não é mais apenas um ponto de dormitório, que as pessoas curtiam somente no fim de semana. As pessoas têm que trabalhar em casa, os filhos assistem as aulas em sistema remoto e as famílias precisaram se readaptar a esse novo cenário”, comenta. Segundo Bento, as demandas causadas pelo uso maior da residência, especialmente devido ao trabalho em home office, têm levado a diversas intervenções nos lares, o que já começa a refletir nos pedidos de projetos de arquitetura.

“A casa deixou de ser uma questão de planejar quarto, sala e banheiro. Agora, as pessoas querem uma sacada onde, além de pegar sol, possam trabalhar nela. Querem ter a possibilidade de usar a cozinha como escritório caso alguém esteja ocupando a sala, e isso exige iluminação melhor, uma mesa, tomadas”, exemplifica o professor. Para Ellen Renata Bernardi, sócia da Ospa Arquitetura e Engenharia, a experiência do isolamento social pode também gerar outras mudanças de planejamento na localização das residências.

A arquiteta destaca que a internet institucionalizou as relações profissionais a distância. Essa nova relação, que faz com o que o espaço de trabalho seja também o espaço de moradia, retira a dependência de planejar a vida de acordo com os espaços profissionais. “No pós-pandemia, as pessoas podem optar por morar mais longe dos centros urbanos, mas em locais maiores e com mais conexão com o exterior”, afirma. A própria arquiteta teve que realizar mudanças em seu apartamento devido às necessidades de adaptar o espaço para exercer seu trabalho e obter mais conforto.

“A sala de estar se transformou em meu escritório. Como o espaço é enxuto, optei por abrir mão da televisão e montar duas estações de trabalho. A mesa e os computadores vieram do escritório, e o sofá se transformou em sala de reuniões”, comenta. Segundo Ellen, antes da pandemia, por passar pouco tempo em casa, o fato de não ter uma vista perene nas janelas não incomodava. “Eu já cogitava me mudar, mas minha procura era focada em apartamentos de, no máximo, um dormitório e 50 m². Hoje, certamente ter um escritório desvinculado da área social seria uma opção mais acertada. Se pudesse ter terraço ou sacada, então, me mudaria imediatamente.”

14/09/2020 | Jornal do Comércio | Panorama | 23

A singeleza do cotidiano

Carregado de potencial simbólico, o centenário de um grande escritor costuma ser o momento para numerosas e significativas homenagens. Não que Mario Benedetti, nascido em 14 de setembro de 1920 na cidade uruguaia de Taquarembó, vá passar em brancas nuvens – mas a verdade é que as mentes e olhares de hoje não parecem especialmente fascinadas com uma data que, para outros autores mais incensados, certamente há de trazer muito mais frisson. Não que o próprio Benedetti fosse se importar muito com isso, na verdade. De certo modo, estar um pouco à margem dos gigantes de seu tempo ajudou a moldar sua individualidade literária, e permitiu que ele encontrasse seu próprio lugar para observar, pensar, narrar e poetizar a América Latina.

O escritor, falecido em 2009, é parte do que se convencionou chamar de Geração de 1945, um grupo de autores que circulava em torno do semanário *Marcha*, publicação de caráter progressista que marcou a história do Uruguai. Além de Benedetti, escreveram para o jornal nomes como Juan Carlos Onetti e Eduardo Galeano – figuras que, assim como ele, seriam perseguidas pela ditadura uruguaia instaurada em 1973 e acabariam forçados ao exílio. As obras de maior destaque de Benedetti surgem a partir da virada dos anos 1960 – período em que a América Latina vivencia um boom da literatura, com o surgimento de uma série de autores de fama

internacional.

Entre seus principais livros estão o romance *A trégua* (1960), a coletânea de contos *Montevideanos* (1959) e as poesias de *Yesterday y mañana* (1987) - o último, sem tradução para português. Na verdade, o uruguaio acaba sendo decisivo até para criar a ideia de um movimento continental, em especial a partir de seu livro de ensaios *Letras del continente mestizo* (1967), o primeiro a deter-se sobre a literatura latino-americana da metade do século XX. Ainda assim, Benedetti não alcançou a consagração internacional com a qual foram agraciados alguns de seus contemporâneos, como Julio Cortázar, Gabriel García Márquez e o amigo Mario Vargas Llosa.

“É o problema de uma obra que surge em um momento em que vários notáveis se destacaram. Sua literatura acabou tendo menos alcance, ficando um pouco diminuída em comparação com os grandes latino-americanos – o que não quer dizer que seja uma obra de qualidade menor, muito pelo contrário”, argumenta Sergius Gonzaga, professor da Ufrgs e coordenador do Livro e Literatura na Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre. Professora do Instituto de Letras da Ufrgs, Karina Lucena tem uma outra explicação para a recepção relativamente mais limitada de Benedetti fora das fronteiras latinas.

“Provavelmente esteja relacionada ao tipo de literatura que escreve: urbana, realista, interessada no cotidiano da classe média uruguaia e dedicada a uma variedade de gêneros - conto, romance, poesia, ensaio. Parte da fama internacional do boom está vinculada a um tipo de literatura bastante diferente do padrão de Benedetti – grandes romances históricos fantasistas e rurais, que passaram a ser definidos pela noção de realismo mágico”, observa. Mesmo sem os holofotes sobre si (ou talvez justamente por isso), Mario Benedetti produziu uma bibliografia vasta e diversa.

Nela, surge uma voz literária marcada pela observação do cotidiano – por vezes incisiva, não raro irônica, mas sempre inclinada à generosidade e, até mesmo, à certa singeleza. “Um traço geral da escrita de Benedetti é a confiança no afeto, na capacidade humana de estabelecer laços mesmo em circunstâncias terríveis”, aponta Karina. “Mesmo um livro duro como *Primavera num espelho partido* (1982), que trata do exílio político, se centra na vida cotidiana em contexto autoritário.

Com impecável controle de texto, Benedetti transforma aquilo que poderia ser banalidade em rotinas interessantes e cheias de vida.” Uma fé na capacidade humana de amar e transformar que se manifestou em vários aspectos de sua vida. Foi casado durante mais de seis décadas com Luz López Alegre, inegavelmente o grande amor de sua vida; mesmo com o fim da ditadura no Uruguai, só regressaria ao país em definitivo depois da morte da esposa, vitimada pelo Mal de Alzheimer, em 2006.

Foi também um apaixonado político: entusiasta de primeira hora do regime socialista cubano, foi membro fundador e um dos diretores da Casa de las Américas, centro literário sediado em Havana que foi, durante anos, um dos principais polos de fomento e disseminação artística de toda a América Latina. Mesmo com a dissensão de muitos intelectuais em relação à Cuba de Fidel Castro, em especial a partir dos anos 1970, Benedetti manteve-se um entusiasta. Em 1984, após uma crítica de Mario Vargas Llosa (há muito desvinculado do regime cubano) ao suposto apoio de Benedetti ao sandinismo na Nicarágua, o peruano e o uruguaio se engajaram em um célebre debate público – muito duro e, por vezes, ácido, mas igualmente marcado pelo respeito afetuoso entre amigos que, mesmo muito discordando, recusavam-se a quebrar os pratos de vez.

14/09/2020 | Jornal NH | Cotidiano | 4

Com a Covid-19, circulação do vírus da gripe diminuiu

É o que sinalizam análises do Laboratório de Microbiologia Molecular da Universidade Feevale, que aponta apenas duas amostras positivas para influenza entre 249 analisadas

A combinação de distanciamento social, uso de máscara e alta cobertura vacinal contra a gripe refletiram no número de casos de influenza. De 249 amostras analisadas pelo Laboratório de Microbiologia Molecular da Universidade Feevale para Covid-19, em apenas duas foram encontradas a presença do vírus H1N1. As outras variações da influenza não foram identificadas em nenhum dos testes.

Proporcionalmente, isso significa que apenas 0,83% dos exames deram positivo para gripe. Os dados são inéditos para a região, principalmente porque o Laboratório Central do Estado (Lacen), em decorrência da pandemia, não está realizando testagem para os outros vírus.

Segundo os dados mais recentes da Secretaria Estadual da Saúde (SES), em 2018, o Estado teve 622 casos confirmados de gripe, sendo que destes 98 resultaram em óbito. Conforme o coordenador do Laboratório e presidente da Sociedade Brasileira de Virologia, Fernando Spilki, até início de outubro, será analisado o total de mil amostras. No entanto, os resultados preliminares já demonstram que a região segue uma tendência observada em todo o mundo.

“Baixou a circulação do vírus influenza e esses números mostram isso. É um resultado que não seria normal em outra época. Mas agora houve um cuidado maior”, analisa. Inclusive, o assunto tornou-se tema da pesquisa de mestrado em virologia da biomédica Ana Karolina Antunes Eisen, 23 anos. “Os cuidados preventivos funcionaram bem”, analisa a pesquisadora. Para Spilki, o hábito de usar máscara poderia seguir mesmo após a pandemia, como forma de prevenção à gripe.

Cobertura vacinal foi de 90% no RS

Das duas amostras positivas para gripe na Feevale, um dos pacientes não estava vacinado. Em relação ao outro, o laboratório não recebeu a informação. “A vacinação é algo fundamental na prevenção”, salienta. Neste ano, o Rio Grande do Sul atingiu a meta de 90% de cobertura vacinal para influenza. O público idoso chegou a 116%, e os trabalhadores da saúde, 112,88%. A imunização diminuiu as internações pela doença, evitando sobrecarga de atendimentos.

Comparativo fluminense corrobora tese de queda

No Rio de Janeiro também foi sentida a queda de casos de gripe. De janeiro a julho, conforme dados da Secretaria de Saúde fluminense, foram 11 casos e nenhum óbito. No ano passado, o Estado registrou 161 casos e 62 mortes. Em 2020, a queda até julho foi de 93% em relação a 2019. O Jornal NH fez contato com os laboratórios da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) e da Universidade Federal de Pelotas (Ufpel), mas as duas unidades realizam análises somente para SARS-CoV2, o novo coronavírus. O Brasil teve, em 2019, 1.109 óbitos decorrentes Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) por influenza. Segundo o Ministério da Saúde, isso representa 22,5% de todas as mortes por SRAG que fazem parte do levantamento.

14/09/2020 | Jornal NH | País & Mundo | 20

Opus deve deixar Teatro Feevale

A parceria entre a Opus Entretenimento para a gestão do Teatro Feevale, em Novo Hamburgo, deve chegar ao fim. O anúncio oficial ainda não foi feito, mas nos bastidores a informação foi confirmada por funcionário ligado à Opus. No entanto, por meio de sua assessoria de imprensa, a Feevale informou que está em tratativa com a empresa de entretenimento. No site da Opus, não consta o nome do Teatro Feevale como uma das casas de espetáculos administrada pela empresa. Já no calendário de eventos, a Opus anuncia o show da banda Melim para o dia 13 de dezembro no Teatro Feevale, evento que ocorreria no dia 12 de abril, mas foi transferido por causa da pandemia.

14/09/2020 | Jornal VS | Comunidade | 6

Com Covid-19, circulação do vírus da gripe diminuiu

A combinação de distanciamento social, uso de máscara e alta cobertura vacinal contra a gripe refletiram no número de casos de influenza. De 249 amostras analisadas pelo Laboratório de Microbiologia Molecular da Universidade Feevale para Covid-19, em apenas duas foram encontradas a presença do vírus H1N1. As outras variações da influenza não foram identificadas em nenhum dos testes. Proporcionalmente, isso significa que apenas 0,83% dos exames deram positivo para gripe. Os dados são inéditos para a região, principalmente porque o Laboratório Central do Estado (Lacen), em decorrência da pandemia, não está realizando testagem para os outros vírus.

Segundo os dados mais recentes da Secretaria Estadual da Saúde (SES), em 2018, o Estado teve 622 casos confirmados de gripe, sendo que destes 98 resultaram em óbito. Conforme o coordenador do Laboratório e presidente da Sociedade Brasileira de Virologia, Fernando Spilki, até início de outubro, será analisado o total de mil amostras. No entanto, os resultados preliminares já demonstram

que a região segue uma tendência observada em todo o mundo. “Baixou a circulação do vírus influenza e esses números mostram isso. É um resultado que não seria normal em outra época. Mas agora houve um cuidado maior”, analisa.

Inclusive, o assunto tornou-se tema da pesquisa de mestrado em virologia da biomédica Ana Karolina Antunes Eisen, 23 anos. “Os cuidados preventivos funcionaram bem”, analisa a pesquisadora. Para Spilki, o hábito de usar máscara poderia seguir mesmo após a pandemia, como forma de prevenção à gripe.

Cobertura vacinal de 90%

Das duas amostras positivas para gripe na Feevale, um dos pacientes não estava vacinado. Em relação ao outro, o laboratório não recebeu a informação. “A vacinação é algo fundamental na prevenção”, salienta. Neste ano, o Rio Grande do Sul atingiu a meta de 90% de cobertura vacinal para influenza. O público idoso chegou a 116%, e os trabalhadores da saúde, 112,88%. A imunização diminuiu as internações pela doença, evitando sobrecarga de atendimentos.

14/09/2020 | Zero Hora | Segundo Caderno | 2

Unimúsica: forrobodó

O projeto Unimúsica deste ano, realizado pelo Departamento de Difusão Cultural da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, será inteiramente online por conta da pandemia de coronavírus. Sob o nome Forrobodó, a edição é voltada para mulheres musicistas, somando, no total, 25 artistas participantes. A iniciativa começa hoje e vai até o dia 18 de setembro. As transmissões podem ser acompanhadas por Facebook do DDC-UFRGS, Facebook da UFRGS TV, YouTube DDC-UFRGS e YouTube UFRGS TV. As apresentações serão sempre no mesmo horário, às 20h.

14/09/2020 | Zero Hora | Segundo Caderno | 2

Boni no roda viva

Um dos grandes nomes da televisão brasileira, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni (na foto), conhecido por seu trabalho de décadas com superintendente de produção e programação da Globo, é o entrevistado do Roda Viva de hoje, às 22h, na Ulbra TV. A bancada de entrevistadores, comandada pela jornalista e apresentadora Vera Magalhães, contará com Zeca Camargo, Joyce Pasowitch, Maria Adelaide Amaral, Tonico Ferreira e Roberto Mulyaert.